

A APATIA NO ENSINO MÉDIO: refletindo sobre a naturalização de um estereótipo

Izabela Barroso Clemente Rocha¹

Henrique Batista Almeida²

Stéfany Bruna de Brito Pimenta³

O presente relato refere-se a uma intervenção pedagógica realizada através do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (Pibid) do Curso de Psicologia - *campus* Goiânia da Universidade Federal de Goiás (UFG) em turmas do Ensino Médio do Instituto de Educação de Goiás (IEG), onde as ações do programa estão sendo desenvolvidas.

Na medida em que nos inserimos na realidade escolar, com o intuito de apreendê-la, os alunos, com os quais iríamos trabalhar, nos foram sendo apresentados pelos professores, coordenadores e a diretoria da escola. Através da caracterização trazida por eles, um primeiro desafio encontrado na realização das atividades seria a superação de uma suposta apatia, desinteresse, desânimo que o aluno do IEG apresentava. Dessa forma, este trabalho visa descrever como se deu a desconstrução de estereótipos que naturalizavam e generalizavam os alunos do IEG em suas relações com o processo de ensino-aprendizagem.

A Psicologia, como disciplina, não está presente no currículo obrigatório do Ensino Médio. Por este motivo, nossas ações na escola são realizadas em parceria com o professor de Sociologia, por meio da disciplina optativa que ele ministra; outra razão para

¹ Graduanda em Psicologia e bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência na Universidade Federal de Goiás (Pibid/UFG). E-mail: izabela_rocha@hotmail.com

² Graduando em Psicologia e bolsista do Pibid/UFG E-mail: hba.com.br@hotmail.com

³ Graduanda em Psicologia e bolsista do Pibid/UFG. E-mail: stefanybbp@hotmail.com

esta parceria são as interfaces de conteúdos dessas duas áreas do conhecimento.

Antes que as atividades pedagógicas fossem exercidas, tivemos a preocupação de realizar um estudo aprofundado da realidade escolar na qual pretendíamos nos inserir. Impulsionados pelo desejo de intervir de forma a contribuir significativamente na formação dos alunos do IEG, realizamos um estudo de caso etnográfico a fim de conhecermos a escola, os alunos e os entraves e possibilidades do processo de ensino-aprendizagem presentes no contexto escolar.

Para Viégas (2007), o estudo de caso etnográfico possibilita a compreensão dos jogos de força presentes na escola: seus atores, determinantes sociais, históricos e políticos, suas múltiplas realidades, arranjos e interações, que se apresentam repletos de contradições, rupturas e continuidades. Assim, o estudo do cotidiano escolar, a partir deste prisma, permite que se identifique e se possa intervir nos elementos que se encontram velados, mas atuantes nos processos educacionais.

O objetivo desses estudos era, a partir da compreensão do contexto escolar, problematizar como a Psicologia poderia contribuir na formação dos estudantes, e promover uma melhoria na qualidade do ensino-aprendizagem. Dessa forma, os dados foram obtidos por meio de observações participantes, análise de documentos, questionários e entrevistas com os atores escolares. A análise documental permitiu o resgate da historicidade da instituição, possibilitando que o presente se articule à particularidade histórica. Como não faz parte do escopo central do presente trabalho, não nos ateremos aos dados obtidos, porém, vale ressaltar as várias peculiaridades apresentadas pela escola, que só foram possíveis de serem desveladas a partir de tais estudos.

A escola, no período de realização dos estudos, se encontra em um estado precário, apesar de estar em reforma. A instituição,

que antes figurava como um modelo para o cenário goiano, reflete hoje o descaso do sistema educacional público: estrutura abalada; paredes descascadas; carteiras quebradas; biblioteca, laboratório e piscinas interditados; mato alto; salas de aula improvisadas ao ar livre e em corredores, entre outros aspectos que denunciam a degradação que a instituição vem sofrendo ao longo do tempo. Vale a ressalva de que estes elementos apresentam um contexto específico que diz respeito ao que tem ocorrido no cenário mais amplo do sistema educacional, onde se vê o sucateamento da educação pública no país.

No que diz respeito aos alunos do IEG, os estudos nos permitiram caracterizar de forma panorâmica o estudante, identificando desde aspectos mais objetivos, como a idade, até questões referentes aos seus anseios, preferências e opiniões. Essa aproximação com os alunos e a coleta de dados por meio dos instrumentos foram fundamentais para que se pudesse compreender o estudante por ele mesmo, desconstruindo atribuições pré-concebidas. Levar em consideração a maneira como de fato esse aluno se apresenta proporciona à atuação docente subsídios que sustentam uma prática mais condizente com a realidade e com uma postura crítica capaz de romper com estigmas, preconceitos e, por conseguinte, com discriminações.

Além disso, foram percebidos nos alunos comportamentos típicos da adolescência, manifestos na escola, como a importância do grupo, a busca de reconhecimento na turma e o confronto com a norma e as regras postas, sendo que estes comportamentos foram analisados à luz da teoria psicanalítica (BECKER, 2003; CALLIGARIS, 2000; CASSORLA, 1998; KUPFER, 1995.). Todavia, diferindo do que está presente na literatura acerca da postura questionadora e crítica que o adolescente assume no decorrer de seu desenvolvimento, observamos em sala de aula e também nos

relatos da maioria dos atores escolares, que os alunos eram desinteressados e apáticos.

Nas observações em sala de aula, verificamos que os alunos não demonstravam interesse e não promoviam discussões, mesmo quando se tratava de temas mais polêmicos, levantados pelo professor. Deparamo-nos com alunos que pareciam alheios ao que ocorria à sua volta. Celulares, conversas, rabiscos e cochilos eram práticas constantes em sala de aula, o que nos levou a indagar onde estaria o 'espírito questionador' desses jovens e como seria possível despertá-lo. Esses dados, obtidos em sala de aula, direcionaram nossos estudos para a compreensão do sistema escolar. Seria esse jovem eminentemente apático? Se sim, o que dizer, então,, diante do que nos aponta a literatura sobre a intensa atividade da juventude e do que é observado ao vê-los engajados e interessados em diversas atividades como a música, o esporte e a moda? Tendo em vista essa contradição, questionamos quais especificidades do sistema educacional atual fazem com que tenhamos diante de nós alunos descomprometidos e apáticos?

Analisando o contexto da escola e compreendendo-o como um retrato do sistema educacional brasileiro, observamos que o tempo limitado, a necessidade de cumprir com conteúdo programático e certa desorganização da gestão corroboram para barrar os alunos em sua condição de questionadores. Verificamos que os alunos eram pouco estimulados e que, na maior parte das vezes, havia uma censura que bloqueava a manifestação dessas inquietudes tão características da adolescência. O professor não podia estender as discussões e dar abertura ao debate, visto que deveria cumprir, em um curto prazo, com um cronograma fixo e rigidamente delimitado, para conseguir apresentar os conteúdos previstos.

Assim, outro possível fator referente ao estereótipo que recai sobre os alunos diz das próprias condições de trabalho dos

professores, as quais geram certa apatia e descrença diante da educação, tendo em vista as limitações postas pela gestão educacional. Portanto, vale indagar em que medida professores desmotivados e desvalorizados podem despertar e estimular o interesse de seus alunos? A questão é que existe nas relações de ensino-aprendizagem diversos determinantes, para além da postura do aluno ou da capacidade do professor, sendo elementos definidores do processo educativo.

Foi diante dessas problematizações, e com o desafio de superar os pré-conceitos e as generalizações, que foi gestada nossa primeira atividade enquanto professores de Psicologia na instituição, denominada “Projeto Pedro Nascimento”.

O Projeto se desenvolveu vinculado à disciplina optativa “Cidadania”, ofertada a duas turmas do 2º ano do Ensino Médio e ministrada pelo professor de Sociologia. A proposta era aproximar os conteúdos trabalhados em sala com a realidade cotidiana dos alunos. Neste caso, pretendeu-se problematizar a não efetivação do direito à moradia, que está previsto na constituição e fora estudado por eles nessa disciplina. Para tanto, o Projeto foi desenvolvido em dois momentos, um em sala de aula, através de discussões teóricas, e outro, por meio de uma visita a uma ocupação localizada em Goiânia – acampamento Pedro Nascimento – onde foi realizada uma pesquisa científica (entrevistas e registros visuais) pelos estudantes.

As aulas teóricas, ministradas por nós, tinham como objetivo ensinar aos alunos os procedimentos básicos de uma pesquisa científica e aprofundar as problematizações em relação às leis e sua efetivação, mais especificamente a lei que garante o direito à moradia. Dessa forma, as aulas tiveram como temáticas norteadoras a contextualização do acampamento Pedro Nascimento, onde se discutiu o direito à moradia subjugado pelo direito à propriedade privada, a problematização do estereótipo do sem-teto e os procedimentos de pesquisa.

Todo o projeto foi construído em conjunto com os alunos, buscando possibilitar-lhe uma abertura para que pudessem expressar suas opiniões, interesses e emoções. Esse momento de abertura para a participação foi crucial para o engajamento dos alunos no Projeto. Por meio do diálogo com a turma, tanto os objetivos quanto o método de pesquisa e seus instrumentos foram pensados conjuntamente, problematizando a maneira mais eficaz e viável de realizar a pesquisa.

A participação dos alunos nas aulas causou surpresa, visto que a atividade não fazia parte do conteúdo curricular, não ‘cairia no vestibular’ e não seria uma atividade com pontuação para a disciplina. Ainda assim, a grande maioria se mostrou disposta a ouvir e participar das discussões realizadas em sala. Por outro lado, não se pode romantizar esse interesse como algo puramente genuíno, uma vez que outros fatores podem influenciar essa postura dos alunos, por exemplo, um interesse pessoal pela matéria; afinidade com o professor etc.

O “Projeto Pedro Nascimento” tinha também, como objetivo paralelo, arrecadar doativos para os ocupantes do acampamento. Essa atividade foi apresentada aos alunos, para que se organizassem para a divulgação da campanha, o armazenamento das doações e a distribuição entre os beneficiados. Com isso, foi demonstrado novamente o engajamento dos alunos para além de cumprir a atividade de pesquisa proposta, pois estes demonstraram grande empenho e dedicação na organização e distribuição dos alimentos, roupas e brinquedos arrecadados.

A visita de campo contou com a participação de grande parte dos alunos, o que nos causou uma surpresa, pois, apesar do interesse que demonstraram em sala, com as aulas do Projeto, mantínhamos a expectativa de que existiriam impeditivos para o aluno comparecer a uma atividade extraclasse, realizada em uma manhã de sábado. Em contrapartida ao estereótipo presente no

ambiente escolar acerca desse aluno, na visita, encontramos estudantes curiosos e em busca de mais conhecimento sobre aquela realidade que se dispuseram a desvelar.

No local, em meio ao exaustivo calor e intensa poeira, os alunos ainda sim ajudaram na organização do material arrecadado e que seria distribuído. Muitos deles, logo que chegaram ao acampamento, já foram se aproximando dos moradores e buscando conhecer melhor aquela realidade. Alguns se preparavam para realizar a entrevista, buscando conosco as últimas instruções necessárias. A experiência no acampamento foi vivenciada por cada estudante de modo particular, alguns se engajaram mais na distribuição dos donativos; outros andaram pelo local, entraram em algumas casas e, além da entrevista formal, conversaram com muitos moradores; outros brincaram e interagiram com as crianças que ali estavam. No geral, verificamos que não houve grupos de alunos isolados, que não participaram da atividade proposta, uma vez que todos buscaram de diferentes formas se envolver naquela experiência.

De modo amplo, essa breve experiência em sala de aula, bem como em campo, nos mostrou que, por trás do aluno tolhido pelas condições educacionais, existe um aluno interessado pelo conhecimento e curioso pela novidade. Nesse sentido, por meio da participação dos alunos nos debates promovidos em sala e na realização do Projeto como um todo, ficou evidente que esse aluno necessita de um espaço para se apresentar, isto é, ele tem voz e é necessário convocá-lo para que compareça, permitindo-lhe que seus questionamentos se apresentem e suas inquietudes despertem seu desejo de conhecer.

Por tudo isso, questionamos o estereótipo de que os alunos do IEG eram apáticos, isto é, não se engajavam em atividades extraclasse propostas, tampouco nas aulas. Esse dado foi apreendido a partir da percepção de muitos professores,

coordenadores e até mesmo alunos que, de fato, se apresentavam, em muitas aulas, desinteressados e indiferentes. Nosso questionamento se deu com base no estudo da realidade educacional do IEG, que nos revelou também profissionais desmotivados em função dos diversos entraves cotidianamente postos para a educação pública, tais como repentinas mudanças administrativas, burocratização de recursos, o número excedente de alunos, além das condições específicas do IEG (como a reforma, por exemplo).

A postura de interesse, engajamento, participação e sensibilização dos alunos, corrobora nosso questionamento acerca do estereótipo de alunos apáticos se tratar de uma construção, considerando-se os entraves educacionais do sistema público de ensino. Sendo uma construção, pode, portanto, ser desconstruído. O desenvolvimento do “Projeto Pedro Nascimento” nos mostrou essa possibilidade. Dessa forma, na medida do possível, poderíamos vislumbrar a superação de pré-conceitos e categorizações generalizantes que obstaculizam um processo ensino-aprendizagem efetivo.

Para tanto, consideramos que, no que se refere especificamente à apatia apresentada pelos alunos, uma relação aluno-professor que preze pelo diálogo, dando voz ao aluno interessado (considerando-se as características da adolescência) e dando sentido ao que esse aluno aprende, pode romper com esse estereótipo. Isso porque este se engendra através de um processo de ensino-aprendizagem linear e conteudista. Com isso, mais do que romper com um estereótipo rompe-se com as consequências de uma concepção reducionista tanto sobre ensino-aprendizagem, quanto sobre a relação professor-aluno e, aliás, sobre o ser humano.

Toda a postura descrita de participação e engajamento dos alunos do IEG no “Projeto Pedro Nascimento” tanto em sala de aula quanto em campo pôde, então, ratificar nossa concepção de que a

apatia característica do aluno do IEG, na verdade, se tratava de uma condição determinada pelo contexto no qual se inserem, não sendo portanto algo natural. Não podemos reconstruir toda a concepção de educação atuante na Instituição, mas podemos sim desnaturalizar a apatia dos alunos desvelando alguns de seus determinantes. Assim, não se verificou uma remodelação do contexto educacional do IEG por meio de nossa intervenção. Entretanto, a partir dela podemos comprovar as possibilidades de alcançar alguma mudança nesse sentido, que contribua efetivamente para a nossa formação enquanto futuros docentes, bem como dos alunos e de todo corpo docente do IEG.

REFERÊNCIAS

BECKER, D. **O que é adolescência**. 3. ed. São Paulo: Brasiliense, 2003.

CALLIGARIS, C. **A Adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CASSORLA, R. M. S. Refletindo sobre Pavlik Morozov. In: LEVISKY, D. L. (org.). **Adolescência pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p. 13-19.

KUPFER, M. C. Violência da Educação ou Educação Violenta. In: LEVISKY, D. L. (org.). **Adolescência pelos caminhos da violência: a psicanálise na prática social**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1998. p. 129-137.

PIAGET, J. **Seis estudos de psicologia**. Trad. Maria Alice Magalhães D'Amorim e Paulo Sérgio Lima Silva. 21. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

VIÉGAS, L. S. Reflexões sobre a pesquisa etnográfica em Psicologia e Educação. **Diálogos Possíveis**, Bahia, v. 1, n. 9, p. 101-123, 2007. Disponível em:

<<http://www.faculdadesocial.edu.br/dialogospossiveis/artigos/10/09.pdf>> Acesso em: 26 jun. 2013

Recebido em: 27/04/2013

Aprovado em: 15/05/2013